26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

MEMÓRIAS E SILENCIAMENTOS NA EXPERIÊNCIA MIGRANTE

MEMORIES AND SILENCING IN THE MIGRANT EXPERIENCE

Uiara Lopes Miranda – Universidade Federal de Minas Gerais /(UFMG)
Fabrício José Nascimento da Silveira – Universidade Federal de Minas Gerais /(UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O estudo busca compreender como experiências de perda, ausência e silêncio atravessam a elaboração da memória social nas narrativas de migrantes venezuelanos. Parte-se da compreensão de que a memória se constitui não apenas pelo que é narrado, mas também por interrupções, fragmentações e impossibilidades parciais de elaboração, com base em Paul Ricoeur, Michael Pollak, Maurice Halbwachs, Joel Candau e Ecléa Bosi. De abordagem qualitativa, a pesquisa adota o método biográfico, entendendo as narrativas de vida como formas pelas quais os sujeitos elaboram suas experiências e atribuem sentidos às suas trajetórias. São analisadas três narrativas de migrantes venezuelanos residentes em Belo Horizonte, produzidas em entrevistas e examinadas interpretativamente, com atenção ao conteúdo enunciado e aos modos de dizer, como pausas, hesitações e recusas de fala. As categorias perda, ausência e silêncio emergiram da própria análise, a partir de recorrências e marcas significativas nos relatos. Os resultados mostram que essas dimensões se articulam à ruptura de referências sociais, afetivas e simbólicas que sustentavam a continuidade da experiência e da narrativa de si. O silêncio emerge não como ausência de memória, mas como uma de suas formas de manifestação e, em certas situações, como gesto de preservação de si. No campo da Ciência da Informação, os achados permitem compreender esses processos em sua dimensão informacional e simbólica, evidenciando que narrar, compartilhar e silenciar são práticas socialmente situadas. Propõe-se a noção de orfandade narrativa para designar situações em que a memória permanece ativa, mas perde referenciais coletivos que organizavam a experiência.
Palavras-chave: memória social; silêncio; migrantes venezuelanos; orfandade narrativa.

Abstract: The study seeks to understand how experiences of loss, absence, and silence permeate the elaboration of social memory in the narratives of Venezuelan migrants. It starts from the understanding that memory is constituted not only by what is narrated, but also by interruptions, fragmentations, and partial impossibilities of elaboration, drawing on Paul Ricoeur, Michael Pollak, Maurice Halbwachs, Joel Candau, and Ecléa Bosi. Adopting a qualitative approach, the research uses the biographical method, understanding life narratives as ways through which subjects elaborate their experiences and attribute meaning to their trajectories. Three narratives of Venezuelan migrants living in Belo Horizonte are analyzed, produced in interviews and interpreted with attention to what is said and how, including pauses, hesitations, and refusals to speak. The categories of loss, absence, and silence emerged from the analysis itself, based on recurrences and significant marks in the accounts. The results show that these dimensions are linked to the rupture of social, affective, and symbolic references that sustained the continuity of experience and of the narrative of the self. Silence emerges not as an absence of memory but as one of its forms of manifestation and, in certain situations, as a gesture of self-preservation. In the field of Information Science, the findings allow these processes to be understood in their informational and symbolic dimension, showing that narrating, sharing, and silencing are socially situated practices. The study proposes the notion of narrative orphanhood to designate situations in which memory remains active but loses collective references that organized experience.
Keywords: social memory; silence; venezuelan migrants; narrative orphanhood.

1 INTRODUÇÃO

O campo dos estudos da memória social tem se consolidado a partir da compreensão de que lembrar não constitui um gesto individual ou espontâneo, mas um processo social, relacional e historicamente situado. A memória, nesse sentido, não se reduz ao acúmulo de lembranças sobre o passado, configurando-se como prática de elaboração do vivido atravessada por afetos, disputas, esquecimentos, silêncios e formas de pertencimento (Bosi, 2007; Halbwachs, 1990).

No campo da Ciência da Informação, essa compreensão permite pensar a memória não apenas como registro ou representação do passado, mas como processo simbólico de produção de sentidos, atravessado por mediações e relações sociais (González de Gómez, 2003). Informação e memória, nessa perspectiva, relacionam-se às condições pelas quais os sujeitos interpretam, elaboram e compartilham suas experiências.

Em contextos marcados por rupturas biográficas e deslocamentos, como aqueles vivenciados por migrantes venezuelanos, esses processos tornam-se particularmente complexos. A travessia pode desorganizar referências cotidianas, vínculos afetivos e quadros sociais que sustentavam a continuidade da experiência, produzindo um deslocamento não

apenas territorial, mas também simbólico, no qual identidades e pertencimentos são tensionados e recompostos (Hall, 2003).

As narrativas constituem uma importante via de elaboração dessas experiências, permitindo aos sujeitos organizar trajetórias e atribuir sentidos ao vivido. Entretanto, a memória não se constitui apenas por aquilo que encontra forma narrativa: perdas, ausências, silêncios e interrupções também participam dos modos pelos quais a experiência é reorganizada ou resiste à elaboração discursiva (Pollak, 1989; Ricoeur, 1997; 2007). No campo da Ciência da Informação, as narrativas podem ser compreendidas também em sua dimensão informacional, na medida em que envolvem processos socialmente situados de seleção, interpretação e compartilhamento de sentidos. Essa perspectiva aproxima-se das práticas informacionais, compreendidas a partir da relação entre sujeitos e contextos sociais (Araújo, 2017) e dos processos sociais de produção, apropriação e compartilhamento de significados (Marteleto, 1995).

Essa articulação permite considerar que narrar e silenciar não são dimensões exteriores à memória, mas participam das condições sociais e informacionais pelas quais a experiência pode ser elaborada e compartilhada. Em contextos migratórios, perdas materiais, rupturas afetivas e desorganização dos referenciais simbólicos podem tensionar tanto a continuidade da experiência quanto sua possibilidade de configuração narrativa.

Diante disso, coloca-se a seguinte questão: o que acontece quando os sujeitos já não encontram os referenciais simbólicos que anteriormente sustentavam a possibilidade de narrar a própria experiência? A partir dessa problematização, o presente estudo tem como objetivo compreender como experiências de perda, ausência e silêncio atravessam os processos de elaboração da memória social nas narrativas de migrantes venezuelanos.

Ancorado nas contribuições de Maurice Halbwachs (1990), Paul Ricoeur (1997; 2007), Michael Pollak (1989), Ecléa Bosi (2007) e Joel Candau (2011), em diálogo com a abordagem das práticas informacionais, o estudo analisa narrativas de migrantes venezuelanos residentes em Belo Horizonte, considerando tanto o conteúdo enunciado quanto pausas, interrupções, hesitações e recusas de fala. Busca-se, assim, contribuir para a compreensão da memória social em contextos migratórios e, no campo da Ciência da Informação, para sua abordagem como prática informacional e simbólica situada.

2 MEMÓRIA, NARRATIVA E PRÁTICAS INFORMACIONAIS

A memória social não constitui um registro estático do passado, mas um processo de reconstrução realizado a partir das condições do presente. Para Halbwachs (1990), mesmo as lembranças aparentemente individuais se apoiam em quadros sociais que fornecem referências para reconhecer, organizar e compartilhar experiências. Esses quadros vinculam memória e pertencimento aos grupos e relações nos quais os sujeitos se inserem, tornando particularmente relevante observar o que ocorre quando processos de deslocamento desorganizam tais referências.

Essa dimensão social articula-se ao caráter seletivo e afetivo da memória. Bosi (2007) destaca que lembrar não significa reproduzir integralmente o vivido, mas reconstruí-lo a partir das marcas que permanecem e das condições presentes de rememoração. Candau (2011), por sua vez, evidencia a relação entre memória e identidade, ambas marcadas por continuidades, rupturas e reelaborações. Em contextos migratórios, nos quais referências territoriais, relacionais e simbólicas são deslocadas, lembrar envolve também reorganizar vínculos entre passado e presente e reconstruir sentidos de pertencimento.

A narrativa participa desse processo ao conferir articulação temporal à experiência. Em Ricoeur (1997, 2007), narrar permite configurar acontecimentos heterogêneos em uma trama por meio da qual o vivido pode adquirir inteligibilidade e integrar-se à compreensão que o sujeito constrói de sua trajetória. Essa operação, entretanto, não elimina as descontinuidades da memória. Há experiências que resistem à organização narrativa, emergindo por meio de fragmentações, interrupções e dificuldades de enunciação.

Nesse ponto, o silêncio adquire especial relevância. Pollak (1989) demonstra que aquilo que não é dito não corresponde necessariamente ao esquecimento: memórias podem permanecer preservadas ou subterrâneas sem encontrar condições sociais para sua expressão. Os silêncios são, portanto, atravessados pelas possibilidades e pelos limites da enunciação. Em situações de ruptura e vulnerabilidade, determinadas experiências podem permanecer presentes sem serem integralmente convertidas em narrativa, fazendo da pausa, da hesitação ou da recusa de falar elementos significativos da própria rememoração.

No campo da Ciência da Informação, essas dinâmicas podem ser compreendidas também em sua dimensão informacional. A abordagem das práticas informacionais desloca a compreensão da informação de uma perspectiva centrada exclusivamente no indivíduo ou nas estruturas para as relações entre sujeitos, práticas e contextos sociais (Araújo, 2017).

Marteleto (1995) e Martins (2015), ao situarem a informação no campo das práticas e relações sociais, evidenciam que sua produção, apropriação e circulação de sentidos se inscrevem em contextos concretos de interação e produção simbólica. Nessa perspectiva, narrar uma experiência envolve selecionar, organizar e compartilhar sentidos sobre o vivido, constituindo uma prática social e informacional atravessada por vínculos, pertencimentos e condições de reconhecimento.

Essa aproximação permite considerar também os limites do compartilhamento como dimensão relevante das práticas informacionais. Se narrar envolve produzir e compartilhar sentidos, silenciar, interromper ou recusar determinada narrativa pode evidenciar condições nas quais certas experiências não encontram possibilidade de circulação ou elaboração compartilhada. Não se trata de compreender todo silêncio como informação ou de atribuir-lhe um significado previamente definido, mas de reconhecer que as possibilidades de dizer e não dizer são socialmente situadas e interferem nos modos pelos quais experiências e sentidos podem ser compartilhados.

A experiência migratória torna particularmente visível essa articulação entre memória, narrativa e informação. O deslocamento pode romper quadros sociais de memória, redes de convivência e referências simbólicas que sustentavam não apenas a continuidade da experiência, mas também as condições de sua elaboração e compartilhamento. É nesse espaço de tensão entre lembrar, narrar, compartilhar e silenciar que se situam as análises desenvolvidas neste estudo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se insere no campo das abordagens qualitativas, ancorando-se no método biográfico e na análise narrativa de histórias de vida. A escolha por essa abordagem justifica-se por sua potência em acessar os modos pelos quais os sujeitos elaboram suas experiências, mobilizando memórias na construção de sentidos sobre si e sobre suas trajetórias (Alberti, 2004; Amado; Ferreira, 2006; Bauer; Gaskell, 2002).

O *corpus* empírico é composto por 22 entrevistas narrativas efetuadas com imigrantes venezuelanos residentes em Belo Horizonte, realizadas entre setembro de 2025 e fevereiro de 2026, após o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, com a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Desse conjunto, 12 entrevistas foram selecionadas como narrativas paradigmáticas para análise aprofundada, enquanto as

demais foram utilizadas como material de apoio, contribuindo para a identificação de recorrências e variações nos relatos. Para os fins deste estudo, optou-se por privilegiar três narrativas paradigmáticas (com os nomes fictícios de Vítor, Mariela e Bruno) nas quais experiências de perda, ausência e silêncio emergiram de maneira significativa para a discussão proposta.

As entrevistas foram conduzidas a partir de eixos norteadores, destacando-se: trajetória migratória, experiências de ruptura e deslocamento, reconstrução da vida no Brasil e memórias associadas ao país de origem. Esses eixos orientaram a condução das entrevistas, permitindo que os participantes organizassem livremente seus relatos, respeitando o fluxo narrativo e os limites estabelecidos por cada sujeito (Bauer; Gaskell, 2002).

As entrevistas foram registradas em áudio e analisadas à luz de uma perspectiva interpretativa, com ênfase na dimensão simbólica das narrativas. A análise privilegiou não apenas o conteúdo enunciado, mas também os modos de dizer, incluindo pausas, interrupções, hesitações e recusas de fala, compreendidos como importantes elementos constitutivos da memória (Alberti, 2004). A leitura interpretativa do conjunto das narrativas permitiu identificar recorrências e marcas significativas relacionadas às experiências de perda, ausência e silêncio, categorias que emergiram do próprio movimento analítico.

A pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios éticos aplicáveis a estudos com seres humanos, garantindo o anonimato dos participantes por meio do uso de pseudônimos e o respeito aos limites estabelecidos pelos próprios sujeitos no processo de rememoração.

4 MEMÓRIAS DAS PERDAS, AUSÊNCIAS E SILÊNCIOS

As narrativas analisadas evidenciam que a experiência migratória não se restringe ao deslocamento territorial, mas envolve rupturas nas formas de pertencimento, continuidade e elaboração do vivido. As categorias perda, ausência e silêncio permitem examinar diferentes modos pelos quais essas rupturas atravessam a memória social e tensionam as referências sociais, afetivas e simbólicas que sustentam a experiência e sua elaboração narrativa.

4.1 PERDAS: A RUPTURA DAS ESTRUTURAS DA VIDA

As experiências de perda aparecem nas narrativas não apenas associadas à ausência de bens materiais, mas também à ruptura de referências que organizavam a vida cotidiana e a percepção de continuidade da própria trajetória. No relato de Vítor, a escassez vivida na Venezuela é lembrada por meio de suas marcas no corpo e da dificuldade de manutenção das condições mínimas de existência:

> O dinheiro quase não dava para nada [...] comprava alguma coisa para comer, mas era pra poucos dias [...] eu mesmo perdi muito peso naquela época [...] quando consegui vir para cá [...] parecia que a vida começava de novo [...] como se a gente pudesse voltar a ser gente (Vítor, 2025, comunicação oral).[1]

A experiência narrada ultrapassa a privação material e evidencia a desorganização do mundo cotidiano que anteriormente oferecia referências de estabilidade e pertencimento. Essa dimensão pode ser compreendida à luz de Halbwachs (1990), para quem a memória individual se apoia em quadros sociais que permitem localizar e significar as experiências. No relato de Vítor, a precarização das condições de vida fragiliza esses referenciais, enquanto a lembrança da perda de peso inscreve a ruptura no próprio corpo. Como observa Bosi (2007), o passado não retorna como reprodução intacta do vivido, mas é reconstruído no presente pelas marcas e significações que permaneceram; nesse caso, o corpo emagrecido torna-se vestígio de uma experiência mais ampla de precarização da existência.

A narrativa se organiza, assim, menos como sequência linear de acontecimentos do que por marcas que condensam a experiência de ruptura. Em Ricoeur (1997), narrar implica configurar acontecimentos heterogêneos em uma trama capaz de lhes conferir articulação temporal e inteligibilidade. Em Vítor, entretanto, a experiência é reconstruída a partir de fragmentos que evidenciam justamente a dificuldade de estabelecer continuidade entre o mundo anterior, sua desorganização e a vida posterior à migração. A expressão “voltar a ser gente” sintetiza esse movimento: mais do que melhoria das condições materiais, a chegada ao Brasil é narrada como possibilidade de recomposição de reconhecimento, dignidade e continuidade de si.

Assim, ao selecionar e articular determinadas marcas do vivido (a escassez, o emagrecimento e a possibilidade de “voltar a ser gente”), Vítor produz sentidos sobre sua trajetória a partir das condições do presente. Sob a perspectiva das práticas informacionais,

[1] Entrevista de pesquisa concedida em 20 out. 2025, na cidade de Belo Horizonte.

tais processos não se restringem à ação individual, mas se constituem na relação entre sujeitos e contextos sociais (Araújo, 2017). A narrativa torna-se, assim, espaço de elaboração e compartilhamento da experiência, no qual a memória é reorganizada em busca de inteligibilidade após a ruptura.

4.2 AUSÊNCIAS: MEMÓRIAS INTERROMPIDAS PELA TRAVESSIA

As experiências de deslocamento também produzem rupturas que atravessam os vínculos afetivos e os referenciais cotidianos construídos ao longo da vida. Em muitos relatos, a travessia migratória aparece associada não apenas à perda material ou territorial, mas à interrupção abrupta de relações, rotinas e formas ordinárias de convivência que anteriormente organizavam o sentimento de pertencimento.

Dimensão que se faz muito presente na narrativa de Mariela ao rememorar o momento de sua saída da Venezuela: “Não deu tempo de avisar ninguém. Quando percebi, já estava na estrada. Depois eu pensava: nem me despedi da vizinha, nem do pessoal lá... meus amigos” (Mariela, 2025, comunicação oral).[2]

A lembrança da vizinha e dos amigos evidencia que aquilo que permanece como ausência está profundamente vinculado às relações cotidianas que sustentavam sua experiência de pertencimento. A memória individual encontra nos grupos e nos quadros sociais referências para reconhecer e reconstruir o passado (Halbwachs, 1990). A ruptura migratória afasta Mariela não apenas de pessoas significativas, mas de uma rede de relações que funcionava como suporte social de suas lembranças. A ausência da despedida dificulta, nesse sentido, a construção de um encerramento simbólico da partida, mantendo determinados vínculos suspensos entre o mundo deixado para trás e a experiência presente.

Essa permanência afetiva evidencia o caráter reconstrutivo da memória. Lembrar implica reelaborar o passado a partir das condições e dos afetos do presente; aquilo que não pôde ser encerrado no momento da partida permanece sujeito a novas significações (Bosi, 2007). A narrativa de Mariela permite ainda perceber como memória e pertencimento se articulam na busca por continuidade diante das rupturas: a ausência não representa o desaparecimento do vínculo, mas sua permanência sob outra forma na elaboração da trajetória migratória (Candau, 2011).

[2] Entrevista de pesquisa concedida em 22 out. 2025, na cidade de Belo Horizonte.

As redes cotidianas de convivência constituem espaços de interação nos quais experiências, informações e sentidos são compartilhados e apropriados socialmente (Marteleto, 1995). A ruptura desses vínculos afeta também os espaços nos quais sentidos eram produzidos e compartilhados. A ausência narrada por Mariela diz respeito, portanto, não apenas à distância de pessoas significativas, mas à descontinuidade de relações sociais e informacionais que participavam da constituição de seu pertencimento.

4.3 SILÊNCIOS: OS LIMITES DA NARRATIVA

Se as perdas e ausências evidenciam rupturas nas formas de continuidade da vida cotidiana, os silêncios revelam os limites da própria possibilidade de narrar determinadas experiências. Em alguns relatos, a interrupção da fala não aparece apenas como hesitação momentânea, mas como sinal de experiências que resistem à elaboração discursiva.

Essa dimensão torna-se evidente na narrativa de Bruno. Ao ser questionado sobre acontecimentos relacionados à sua saída da Venezuela, o entrevistado interrompe a fala após uma longa pausa e afirma: “[...] eu não consigo falar disso agora” (Bruno, 2025, comunicação oral).[3]

A brevidade da resposta contrasta com a intensidade da interrupção. O silêncio, nesse caso, não permite conhecer aquilo que Bruno opta por não narrar, mas revela um limite para sua enunciação naquele momento. A perspectiva de Pollak (1989) permite compreender que silêncio e esquecimento não são equivalentes: experiências podem permanecer na memória sem encontrar condições para serem verbalizadas. Mais do que preencher essa lacuna interpretativamente, importa reconhecer o próprio silêncio como parte da forma assumida pela rememoração.

A interrupção evidencia também uma tensão entre lembrar e transformar o vivido em narrativa. Se, em Ricoeur (1997), narrar implica configurar acontecimentos em uma trama capaz de lhes conferir articulação temporal e inteligibilidade, a fala de Bruno expõe um ponto em que essa operação encontra resistência. A experiência não se oferece à narrativa contínua e o “não consigo falar disso agora” demarca uma fronteira entre aquilo que pode ser compartilhado e aquilo que permanece, ao menos naquele momento, fora do relato.

[3] Entrevista de pesquisa concedida em 10 nov. 2025, na cidade de Belo Horizonte.

Nem toda experiência lembrada se torna experiência compartilhada. As possibilidades de dizer, silenciar ou interromper uma narrativa são social e relacionalmente situadas e delimitam aquilo que pode circular na interação (Marteleto, 1995; Araújo, 2017). No caso de Bruno, entretanto, não cabe atribuir conteúdo ao silêncio. Respeitar a recusa de prosseguir significa reconhecer que os limites do compartilhamento são também limites da interpretação.

4.4 ORFANDADE NARRATIVA: QUANDO A MEMÓRIA PERDE SUA "CASA"

As experiências de perda, ausência e silêncio analisadas anteriormente revelam diferentes formas de ruptura das referências que sustentavam a continuidade da experiência. Embora distintas, elas convergem em um ponto: a fragilização dos suportes sociais, afetivos e simbólicos a partir dos quais os sujeitos reconheciam, organizavam e compartilhavam suas experiências.

É nesse contexto que se propõe a noção de orfandade narrativa. O conceito busca compreender situações em que a memória permanece ativa, mas perde parte dos referenciais que anteriormente ofereciam sustentação à experiência e à possibilidade de organizá-la narrativamente. A noção parte da compreensão de Halbwachs (1990) de que a memória se ancora em quadros sociais, articulando-se à perspectiva de Ricoeur (1997; 2007) sobre a configuração narrativa da experiência e à de Pollak (1989) sobre os silêncios e as condições de enunciação. A orfandade narrativa não designa, portanto, ausência de memória ou impossibilidade absoluta de narrar, mas a fragilização das referências a partir das quais o vivido podia adquirir continuidade, inteligibilidade e compartilhamento.

A noção permite compreender situações em que o sujeito continua lembrando, mas já não dispõe das mesmas referências coletivas que anteriormente sustentavam a organização de suas lembranças. A memória permanece ativa, mas torna-se mais fragmentada, atravessada por interrupções e dificuldades de articulação entre passado e presente. Nesse sentido, a orfandade narrativa não corresponde ao esquecimento, mas a uma condição em que a continuidade da experiência precisa ser reconstruída diante da ruptura de seus antigos suportes.

As narrativas analisadas evidenciam diferentes manifestações desse processo. Em Vítor, a perda das condições materiais de existência desorganiza referências de estabilidade e reconhecimento, sintetizadas na expressão "voltar a ser gente". Em Mariela, a partida

abrupta interrompe vínculos e impede a despedida, mantendo determinadas relações afetivamente presentes apesar da distância. Em Bruno, o silêncio delimita uma experiência que, naquele momento, não encontra possibilidade de elaboração narrativa. Perda, ausência e silêncio não constituem, assim, fenômenos isolados, mas diferentes formas pelas quais a ruptura migratória atravessa a memória e tensiona a continuidade da narrativa de si.

Essa condição possui também uma dimensão informacional. A fragilização dos referenciais sociais afeta não apenas os modos de lembrar e narrar, mas também as condições nas quais experiências e sentidos podem ser compartilhados e reconhecidos. Sob a perspectiva das práticas informacionais, a reconstrução da experiência ocorre em novos contextos relacionais, nos quais os sujeitos reorganizam formas de produzir e compartilhar sentidos sobre o vivido (Araújo, 2017; Marteleto, 1995). A dimensão informacional da orfandade narrativa reside, assim, menos em uma ausência de informação do que na reconfiguração das condições sociais e simbólicas de sua elaboração e compartilhamento.

A orfandade narrativa não constitui uma condição permanente. A ruptura das referências anteriores pode abrir processos de reconstrução nos quais novos vínculos, pertencimentos e formas de narrar são produzidos. A memória migrante se reorganiza, assim, entre aquilo que permanece, aquilo que se perde e as novas referências construídas após a travessia. A noção de orfandade narrativa procura nomear justamente esse intervalo: o momento em que antigas referências já não oferecem a mesma sustentação, enquanto outras ainda estão sendo construídas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender como experiências de perda, ausência e silêncio atravessam os processos de elaboração da memória social nas narrativas de migrantes venezuelanos. As análises evidenciaram que a experiência migratória não produz apenas deslocamentos territoriais, mas pode desorganizar referências sociais, afetivas e simbólicas que sustentavam a continuidade da experiência e as possibilidades de narrá-la.

Nas três narrativas analisadas, essa desorganização assume formas distintas. Em Vítor, a perda das condições materiais de existência atravessa o corpo e a percepção de reconhecimento de si; em Mariela, a partida abrupta interrompe vínculos e mantém afetivamente presentes relações que não puderam ser encerradas; em Bruno, o silêncio marca o limite do que pode ser narrado e compartilhado naquele momento. Perdas,

ausências e silêncios não aparecem, portanto, como elementos periféricos da memória, mas como dimensões constitutivas dos modos pelos quais a experiência migratória é lembrada e reelaborada.

A partir desses achados, propôs-se a noção de orfandade narrativa para compreender situações em que a memória permanece ativa, mas parte dos referenciais coletivos que sustentavam sua organização e compartilhamento é fragilizada. O conceito não designa ausência de memória nem impossibilidade permanente de narrar, mas uma condição de descontinuidade na qual antigas referências já não oferecem a mesma sustentação e novas formas de pertencimento e elaboração ainda estão sendo construídas.

No campo da Ciência da Informação, os resultados permitem compreender a memória também em sua dimensão informacional e simbólica situada. Narrar implica selecionar, organizar e compartilhar sentidos sobre o vivido, mas as análises mostram que essas possibilidades são atravessadas pelas relações sociais e pelas condições de enunciação e reconhecimento. Nessa perspectiva, perdas, ausências e silêncios tornam visíveis não apenas os processos de produção e compartilhamento de sentidos, mas também seus limites, evidenciando que nem toda experiência lembrada encontra, em determinado momento e contexto, possibilidade de elaboração e circulação.

Ao aproximar memória social, narrativa e práticas informacionais, o estudo contribui para ampliar a compreensão dos processos informacionais envolvidos na experiência migratória, incluindo aquilo que permanece fragmentado, interrompido ou silenciado. A orfandade narrativa oferece, nesse sentido, uma chave interpretativa para pensar como sujeitos em deslocamento reorganizam memórias, sentidos e pertencimentos diante da ruptura de referenciais anteriores, sem pressupor que tais rupturas sejam definitivas: novas relações e contextos podem produzir outras possibilidades de elaboração, compartilhamento e reconstrução da experiência.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 196 p. Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/bitstreams/ad35791b-74b0-488a-a944-0acb590269b7/download. Acesso em: 31 out. 2026.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são "práticas informacionais"? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. esp., p. 217-236, out. 2017. DOI: https://doi.org/10.36517/ip.v2iespecial.20655. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655. Acesso em: 3 ago. 2026.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: https://eprints.lse.ac.uk/7924. Acesso em: 31 out. 2026.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 60-76, jan./abr. 2003. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/download/1020/1075/1189. Acesso em: 31 out. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 89-93, jan./abr. 1995. DOI: https://doi.org/10.18225/ci.inf.v24i1.613. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613. Acesso em: 3 ago. 2026.

MARTINS, Ana Amélia Lage. **Informação e movimentos sociais sob a perspectiva do campo social da Ciência da Informação**: uma análise a partir da Marcha das Vadias. 2015. 174 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A8SGYA. Acesso em: 31 out. 2026.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278. Acesso em: 31 out. 2026.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/bitstreams/8e17bffc-bc94-4417-8534-1a318c3d9722/download. Acesso em: 31 out. 2026.